

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRO JOSÉ ALVES

**O PAPEL DO COMPUTADOR E DA INTERNET NA ELABORAÇÃO DE
MATERIAIS IMPRESSOS PARA A DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

CURITIBA

2013

SANDRO JOSÉ ALVES

**O PAPEL DO COMPUTADOR E DA INTERNET NA ELABORAÇÃO DE
MATERIAIS IMPRESSOS PARA A DISCIPLINA DE HISTÓRIA**

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora MsC. Eguimara Selma Branco

CURITIBA

2013

O PAPEL DO COMPUTADOR E DA INTERNET NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS IMPRESSOS PARA A DISCIPLINA DE HISTÓRIA

ALVES¹, Sandro José.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Colombo/PR

RESUMO-Este trabalho é resultado da aplicação de uma proposta que considera a elaboração de material impresso como uma resposta ao problema da leitura do texto científico-informativo nas aulas de História, considerando os aspectos qualitativos e não meramente os mensuráveis quantitativamente. Trata do uso do computador e da internet como auxiliares na pesquisa e elaboração de tais materiais pelo professor e da avaliação da receptividade por parte dos alunos nas aulas de História do 6º ano do Ensino Fundamental. A experimentação teve lugar numa sala de aula do Colégio Dr. Arthur Miranda Ramos, com a participação do professor de História, na pesquisa, produção e aplicação do material e de cerca de cento e vinte alunos, cujas avaliações foram feitas na forma de observação e anotação em diário de campo do estudo de caso, considerando duas aulas semanais durante quatro semanas do primeiro bimestre escolar. As metas foram: tornar os conteúdos mais atrativos a fim de facilitar o processo de ensino e de aprendizagem, reforçar e motivar o hábito da leitura nos estudantes a partir desta faixa etária. As conclusões ora apresentadas, não sendo passíveis de total generalização, ainda assim assumem a forma de documentos que se tornam referência e informação para outros pesquisadores intencionados em ampliar o debate e o aprimoramento dos resultados aqui relatados.

Palavras-chave: Computador. Internet. Material impresso. Leitura. História.

¹Polo UAB Altair da Silva Leme, Colombo/PR
E-mail: sanjosealves@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Considerando a realidade sociocultural, sob a ótica da relação escola pública com a comunidade, foi constatada a necessidade da promoção da leitura, a qual deve ser inserida na vida do futuro cidadão quando este ainda é uma criança. Tendo esta premissa por base é que se chegou à proposta de uma produção de material impresso que fosse mais atrativa e de mais qualidade, elaborada com o auxílio do computador e da internet, a ser utilizada nas aulas do 6º ano do ensino fundamental, a fim de incentivar e promover a leitura, tornando a relação ensino-aprendizagem mais agradável, visando à formação e à inserção do indivíduo social de maneira mais igualitária em nosso contexto socioeconômico e cultural. Junto disso, tomou-se também como meta possível a ampliação do seu horizonte de perspectiva e noção de cidadania, buscando a formação de indivíduos críticos e atuantes.

Neste sentido, o artigo apresentará o que foi possível apurar a partir da experimentação de algumas propostas para a construção do material impresso com o auxílio do computador e da internet, de variadas concepções teórico-metodológicas para o ensino da História, salientando que a mídia impressa ainda é, de longe, a mais utilizada na escola, e que o motivador da leitura também deve ser um leitor ávido. Pois, como diz Aguiar et al. (2001), “[...] aqueles que se envolvem com a educação das crianças e dos jovens precisam estar cientes de seu papel na formação de leitores. Assim, quem não lê não pode incentivar os outros a lerem.”

Buscou-se caracterizar aqui a elaboração e reformulação pedagógica dos materiais didáticos impressos, no 6º ano do Ensino Fundamental com a utilização do computador e da internet, para torná-los mais atrativos, a fim de facilitar o processo de ensino aprendizagem, reforçar e motivar o hábito da leitura nos estudantes a partir desta faixa etária. A realização deste estudo optou por uma abordagem qualitativa, pois esta não pretende “expressar em operações os conteúdos diretos e explícitos dos sujeitos, com o fim de convertê-los em entidades objetivas suscetíveis de processamento matemático.” (REY, 2002, p. 91) Essa abordagem, através da elaboração de novos materiais impressos, comportou uma intenção construtivo-interpretativa em relação ao que os sujeitos expressam através do hábito de ler.

Neste processo foi observado se a intervenção através da produção destes materiais impressos surtiu efeitos benéficos no processo de ensino aprendizagem, e se contribuíram para a disseminação da leitura entre os alunos. As apreciações e modificações observadas decorreram de anotações diárias em diário de campo a fim de constatar se os alunos que utilizaram materiais impressos diferenciados e se desenvolveram uma melhor aprendizagem, levando-se em conta os ritmos de aprendizagem, evoluções na escrita e na leitura, comparados aos alunos que utilizam os materiais impressos tradicionais, fornecidos pelo governo, uma vez que os novos materiais apresentam uma abordagem mais regional que os materiais formais não podem dar conta, em virtude da abrangência e dos objetivos que são mais amplos e lineares.

O Colégio Estadual “Dr. Arthur Miranda Ramos” onde foi aplicada a proposta, é um colégio público situado na Rua dos Flamboyants, número 101, no Jardim Samambaia em Paranaguá-Paraná, foi construído em 1981, durante a Gestão do Governador General Ney Amintas de Barros Braga e foi ampliada a partir de 12/07/93, no Governo do Dr. Roberto Requião. A princípio seu principal objetivo era ter as quatro séries iniciais do Ensino Fundamental de excelente qualidade. Com a necessidade local e com o reconhecimento do trabalho pedagógico e administrativo da escola, no ano de 1986, obteve autorização para funcionar de 5ª a 8ª série através da Resolução nº. 489/86 de 05/02/86 e reconhecido pela Resolução nº. 2445/89 de 03/09/89. No ano de 1998, atendendo aos anseios dos alunos e da comunidade para dar continuidade aos estudos, implantou-se o Ensino Médio, autorizado pela Resolução nº 126/98 de 15/01/98 e reconhecido pela resolução nº. 2795/2000 de 30/08/00. O Colégio conseguiu grandes avanços através da conscientização da comunidade escolar, fazendo-a sentir-se parte integrante e que o sucesso não depende apenas do governo, dos professores ou dos alunos; depende da criação de mecanismo para a Gestão Colegiada envolvendo toda a sociedade civil, surgindo assim o fortalecimento da participação da APMF e do Conselho Escolar nas principais decisões dentro da escola. No setor pedagógico metodológico verifica-se o grande esforço dos professores em comprometer-se profissionalmente com a educação, e em tornar-se competentes, através da participação em cursos de capacitação, grupo de estudos e repasses de experiências e inovações pedagógicas a fim de reverter o índice de evasão e repetência. Atualmente a gestão do colégio está sempre aberta e apoia iniciativas e práticas pedagógicas que venham a

colaborar com a melhoria do ensino público ofertado a toda comunidade, dentro de suas possibilidades e em consonância com a mantenedora SEED/PR.

1 O MATERIAL IMPRESSO

É lugar comum afirmar-se que a leitura deve ser iniciada já no princípio da vida escolar do estudante e é também por isso que a aplicação desta proposta está voltada aos alunos do 6º ano do ensino fundamental, iniciando a segunda fase desse nível de ensino e em sua grande maioria entre dez e doze anos de idade. A ideia se baseou na confecção de material impresso atrativo, com o auxílio de computadores, softwares e internet, pois, como já mencionado, o material das escolas públicas muitas vezes não desperta o interesse destes estudantes, apresentando textos extensos e com linguagem filosófica pouco adequada a eles, que possuem imaginação ilimitada, adoram os contos de fadas, histórias em quadrinhos e o faz de conta. É importante ressaltar aqui que a preparação desse material envolve muita leitura por parte dos educadores, e que uma escola não irá formar leitores se os educadores também não leem.

A opção pelo material impresso levou em conta o acima relatado e ainda a seguinte afirmativa:

As tecnologias digitais são igualmente geradoras de novos problemas na educação. São *softwares* que prometem muito e dão pouco. São caros programas prontos, geralmente produzidos por empresas internacionais, traduzidos e aculturados para a suposta realidade de um país e que, em muitos casos, não são adequados aos objetivos pretendidos na proposta educacional da instituição. (KENSKI, 2012, p. 53)

Assim, é o professor que faz o filtro das tecnologias disponíveis, e que cumpre o papel de mediador entre as possibilidades criadas por aquelas e as reais aplicabilidades condizentes com as condições existentes e com o grupo com o qual trabalha. Essa mediação ocorre aqui no aproveitamento dos instrumentos tecnológicos mais modernos, porém menos ou pouco disponíveis na escola, e na efetivação de seu uso no mais plausível, possível e à mão: o material impresso.

Esse papel do profissional da educação é fundamental. Daí decorre a necessidade de leituras constantes, aperfeiçoamento, formação permanente e continuada e decisão para efetivar o trabalho, pois,

...na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, são novamente definidas as relações entre o conhecimento a ser ensinado, o poder do professor e a sua forma de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem pelos alunos. (Idem, 2012, p. 19)

A positividade das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), relacionada à inovação da elaboração dos materiais impressos mais adequados aos alunos constituem-se em um desafio para os docentes, pois os meios inovadores são os midiáticos e, para a utilização das novas tecnologias na vida cotidiana, percebemos que muitos professores oscilam entre o professor conservador e aquele propenso à mudança e à novidade. Porém cabe sempre ao professor conhecer a variedade de títulos e materiais disponíveis na biblioteca e, posteriormente, reproduzi-los e adequá-los aos alunos, com um planejamento eficiente e estratégias pensadas, enriquecendo o ensino dos conteúdos curriculares que, neste caso, têm a sua reformulação através do uso do computador e da internet, compreendendo também a utilização de softwares diversos.

É importante ressaltar que todo esse processo metodológico e seu respectivo sucesso na reformulação dos materiais impressos estão ligados ao constante hábito de ler do educador, pois sem o mesmo não existe a possibilidade e a viabilidade deste. É o que defende Regina Zilberman, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

Parece óbvio o que vou dizer, mas a premissa é a de que o professor seja um leitor. Não apenas um indivíduo letrado, mas alguém que, com certa frequência, lê produtos como jornais, revistas, bulas de remédio, histórias em quadrinho, romances ou poesias. O professor precisa se reconhecer como leitor e gostar de se entender nessa condição. Depois, seria interessante que ele transmitisse aos alunos esse gosto, verificando o que eles apreciam. Esse momento é meio difícil, pois, via de regra, crianças e jovens tendem a rejeitar a leitura porque ela é confundida com o livro escolar e a obrigação de aprender. Se o professor quebrar esse gelo, acredito que conseguirá andar em frente. (2007, s/p)

Assim, a combinação do esforço do profissional e da disponibilização de um material melhor elaborado, considerando aspectos da modernidade tecnológica, pode ser um caminho para um trabalho mais efetivo e promissor na sala de aula.

2 COMPUTADOR E INTERNET

Eleger como instrumentos de trabalho para esta proposta o computador e a internet teve razões importantes. Primeiramente, são os que figuram no topo das listas quando o assunto é tecnologia. Por outro lado, os estudos a respeito destas duas ferramentas educacionais vêm crescendo anos após ano.

Contudo, o seu uso ainda não ganhou o devido espaço. “O computador como tecnologia educacional apresenta uma característica específica: com frequência, o aluno domina muito mais essa tecnologia do que seu professor passa a manipulá-la sem medo e sem restrições.” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2008, p. 79) Mesmo tendo essa prerrogativa, para a sala de aula o conhecimento do aluno em relação ao objeto não auxilia diretamente no desenvolvimento de sua aprendizagem. Às vezes chega a atrapalhar, pois, ou ele vem sonolento por ter passado a noite em frente à máquina, ou considera a forma de apresentação do conteúdo escolar chata e entediante.

O computador na escola foi recebido de duas formas diferentes, considerando as perspectivas pedagógicas preponderantes em cada lugar. “Na perspectiva INSTRUCIONAL, o computador é objeto de estudo. [...] Na perspectiva CONSTRUCIONISTA, o computador é utilizado como recurso.” (Idem, p. 79) Tomando essas duas referências, a proposta foi de levar em conta o ponto de vista construcionista, pois a máquina serviria de instrumento de trabalho, ferramenta para alcançar outros objetivos que não à análise e a compreensão dela mesma. “Dentro dessa perspectiva, os sujeitos que utilizam o computador podem apresentar ideias, resolver problemas, criar soluções, desenvolver algo.” (Idem, p. 80).

Por isso compreende-se o papel relevante ocupado pelo professor, de sujeito da produção do material impresso e de usuário das tecnologias à disposição. Entretanto, é um trabalho exaustivo, uma vez que nem ele, nem o aluno, muito menos a instituição estão preparados para essa empreitada. É um caminho a construir, um fazer acontecer. “O currículo das escolas em que isso acontece não é repensado a partir do uso dos computadores, o que se trabalha no laboratório não tem nenhuma relação com os conteúdos trabalhados em sala de aula.” (Idem, p. 86) E o professor precisar mudar o seu próprio ponto de vista para fazer diferente. Juntar o conteúdo a ser veiculado em sala de aula ao apoio possibilitado pelas novas tecnologias.

Outra faceta dessas “novidades” é a internet.

A internet veio para mexer com os paradigmas educacionais, em que não cabe mais arbitrariedade de opiniões, linearidade de pensamento, um único caminho a ser trilhado. Recorrer a uma nova forma de integrar a internet no processo de comunicação com nosso aluno, buscando a formação de um sujeito para um mundo em transformação, no mínimo é possibilitar a visão de uma realidade em que as informações chegam sob diferentes óticas, e cabe ao insubstituível professor a análise junto com seu aluno de um descortinar de “verdades”. (Idem, p.108)

Para a produção do material impresso a internet torna-se uma importante ferramenta, um grande campo de pesquisa e a principal fonte de recursos visuais para o trabalho do professor. E foi com o apoio desses dois instrumentos, o computador e a internet, que esta proposta teve a condição para ser levada a efeito.

Ainda em relação ao papel do professor na apropriação dos instrumentos tecnológicos, pode-se pensar no aspecto financeiro que norteia a questão. Embora o valor dos eletrônicos, no Brasil, tenha caído vertiginosamente nos últimos anos, há ainda uma tese de que esses equipamentos são bens de difícil aquisição. Mas as mantenedoras, mesmo não tendo propostas sérias para a utilização dos equipamentos, vêm, lentamente, equipando os profissionais. Prometem para ontem, cumprem amanhã, como se pode ler nas manchetes na internet: “Professores do ensino médio da rede estadual de educação do Paraná estão recebendo tablets que vão ajudar no trabalho em sala de aula.”²

De toda forma, o professor deve buscar conhecer, manusear e ser sujeito do processo educativo tecnológico na atualidade. Isso evitará o distanciamento que, em muitas análises beira ao conservadorismo ou ao medo do novo.

Devem-se mencionar ainda os aspectos políticos que por muito tempo mantiveram a escola alheia aos instrumentos tecnológicos,

Seja pela associação desses conceitos aos programas de Qualidade Total implantados nas empresas e transferidos diretamente para a escola, sem maiores análises críticas, como se a escola e a empresa se equivalessem em objetivos, organização, funcionamento e resultados, seja pela aproximação com o conceito das assim chamadas escolas eficazes que para muitos se vinculam a uma proposta neoliberal para a educação. (MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2012, p. 136).

²<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=4445&tit=Governo-entrega-32-mil-tablets-para-professores-do-ensino-medio> Acesso em 29/05/2013.

Portanto, elaborar uma proposta, pesquisar e organizar um material de trabalho que se utilize das ferramentas tecnológicas disponíveis é, antes de tudo, romper com uma série de pensamentos estereotipados que não vêm contribuindo muito para a melhoria na educação.

3 APLICAÇÃO E APRECIÇÃO

Para o desenvolvimento da proposta apresentada, tomou-se como campo de referência uma turma de 6º ano (5ª série) do Ensino fundamental, na disciplina de História, no primeiro bimestre de 2013, tendo como conteúdo selecionado “a experiência humana no tempo” em seu aspecto inicial que parte da história local, Paranaguá/Brasil, para o mundo³.

Primeiramente, abordou-se o conteúdo histórico da cidade, configurando cerca de dez páginas de texto escrito, que, isolado no material, seria de fácil leitura para cerca de dez por cento dos alunos, porém de difícil dedicação para a imensa maioria, levando em conta as experiências do professor de anos em sala de aula. A primeira tarefa no uso do computador foi trabalhar com as cores e as diferentes fontes e corpos para modificar o texto, aplicando-os aos títulos e subtítulos, aos realces em termos e expressões de relevância. Essa diagramação foi possível utilizando-se muitos recursos do software “Word 2007”, parte do “Pacote Office 2010” da Microsoft. Feito isso, passou-se à pesquisa e busca por imagens locais, antigas e atuais para ilustrar os locais a que o conteúdo fazia referência. Nesse ponto um trabalho exaustivo e detalhado levou a uma combinação que os autores de livros didáticos, em geral, não têm a oportunidade e condição de fazer, uma vez que produzem materiais para um público bastante amplo. Este aspecto é o que levou, em princípio, à gênese desta proposta, ou seja, uma abordagem mais regional e local.

O terceiro passo foi à visita a residentes antigos na cidade, no intuito de coletar algumas histórias populares da tradição oral que pudessem fazer parte do conteúdo específico. Algumas serviram para ilustrar determinadas passagens.

³PARANÁ, 2008, p. 89.

Outra ideia bastante interessante foi lançar mão de uma câmera digital para fazer algumas imagens bem atuais de alguns lugares, que depois foram passadas para o computador e inseridas no material a ser impresso. Este trabalho, inclusive, configurou o que se afirma nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE) da Rede Estadual de Educação do Paraná: “As imagens, livros, jornais, histórias em quadrinhos, fotografias, pinturas, gravuras, museus, filmes, músicas são documentos que podem ser transformados em materiais didáticos de grande valia na constituição do conhecimento histórico. Podem ser aproveitados de diferentes maneiras em aula...” (PARANÁ, 2008, p. 78)

O uso das múltiplas linguagens, se não o mais importante, é um aspecto que associa o material impresso ao cotidiano do aluno, relacionando-o aos jogos eletrônicos, ao mundo virtual a que ele está intimamente ligado, seja por possuir os meios de acesso, seja simplesmente por ver pela televisão.

A linguagem verbal e a visual travam diálogos intensos e imemoráveis entre si e provocam outros tantos entre seus autores e leitores. Mas, principalmente em nosso tempo, essa interação adquire importância fundamental, pelas possibilidades cada vez maiores e diferentes linguagens iluminarem-se mutuamente, ampliando seus meios expressivos e suas leituras. (MARTINS, 1995 apud LAUÁ, 2004, p. 67)

É notório esse encontro das linguagens. Portanto, para a criação de um material que desperte o interesse do aluno, para além do valor temático, fazem-se necessárias a compreensão e a inclusão desse aspecto em particular.

Elaborado o material de trabalho, seguiu-se a impressão para o mesmo chegasse às mãos de cada aluno, a fim de se efetivar a meta estabelecida pela pesquisa e organização dos documentos: a aprendizagem dos conteúdos históricos elencados para aquela fase no programa anual da disciplina, bem como a verificação da aceitabilidade e o quanto poderia atingir a expectativa de ser mais interessante do que o livro didático vinha sendo até então.

Em termos da valorização do material impresso, notou-se que, embora se tenha todo um discurso de que os aparatos tecnológicos têm maior alcance e o texto digital seja um facilitador do acesso às informações, muito ainda se tem usado o texto impresso. Veja-se sobre publicações periódicas para professores: “Já chegou às mãos dos mais de 100 mil profissionais da educação da rede pública de ensino paranaense a edição 15 do Jornal Nossa Escola.” Portanto, em relação ao uso efetivo, sem dúvida este material é mais facilmente encontrado e está mais à mão.

O que se revelaria então?

Num primeiro momento, os olhos desinteressados pelos conteúdos escolares trataram o material como “mais uma tarefa escola para cumprir”. Entretanto, com as primeiras imagens alguns foram identificando locais próximos às suas casas, ou simplesmente bastante conhecidos por eles, e o olhar foi se modificando. Um queria mostrar para o outro o que estava reconhecendo. Pouco a pouco os alunos foram sendo informados de que se tratava de um estudo e que deveriam comportar-se como exigia a norma para tal.

Nas aulas seguintes alguns aspectos chamaram a atenção. Embora alguns ainda se dispersassem, pois ainda não haviam desenvolvido hábitos relacionados ao ato de ler, a maioria passou a se dedicar ao entendimento do que o texto impresso apresentava. As explicações do professor eram seguidas de apontamentos no material e chamadas de atenção por parte dos alunos que relacionavam o que era exposto ao que haviam lido no material. Os comentários sobre as imagens também ganharam força, pois uma igreja conhecida, uma praça, uma rua, fazia um *link* com o fato histórico e era do conhecimento de todos, os quais ficavam entusiasmados em saber mais sobre o que significavam e por que essas gravuras estavam ali.

Outro aspecto modificado foi à leitura fora da sala de aula. Normalmente as leituras sugeridas para serem feitas em casa, raríssimas vezes eram realizadas. Os professores de todas as disciplinas praticamente deixaram de lado atividades que não sejam para execução em sala. Tornaram-se uma exigência nula, pois na grande maioria das vezes voltam como foram. Contudo, o material que chegou às mãos dos alunos foi lido quase que integralmente após a primeira aula, por pelo menos oitenta por cento da turma. Obviamente, considerou-se a aferição feita por questionamento verbal coletivo. Mesmo assim, em outras circunstâncias, as respostas eram sempre negativas. Outro fator que contribuiu para tornar as respostas verdadeiras foi a quantidade de comentários e questionamentos levantados nas aulas seguintes, levando a considerar que a leitura foi realizada. Ainda que realizada de forma insuficiente por falta de experiência de leitura por parte de alguns alunos, já foi um começo.

Não era objetivo de esta pesquisa estabelecer comparações com outras turmas que não utilizavam o material, mas sim, o comportamento frente ao conteúdo e à leitura por parte desses alunos, antes, com o material comum, e depois, com o material elaborado. Assim, as observações se deram diretamente sobre os

participantes nesses dois momentos distintos. Considerando-se o mesmo aplicador e os mesmos participantes, conseguiu-se aferir um controle suficiente das possíveis variáveis. A aceitação de materiais complementares obteve um aumento da aceitabilidade também. Jornais e revistas, bem como livros paradidáticos passaram a ser menos rejeitados nas tarefas de leitura e pesquisa em sala.

Retomando o aspecto da quantificação, é possível afirmar que houve uma adesão de cem por cento dos alunos participantes das atividades. Entretanto, o contingente de evolução e desenvolvimento é qualitativamente relevante.

O encerramento do conteúdo se deu por volta do início da quinta semana de atividade, perfazendo cerca de dez aulas efetivamente.

Uma prática também realizada com pouca frequência foi estimulada pelo professor, qual seja, a participação dos alunos no empréstimo de livros na biblioteca escolar, o que, em geral, cabe ao professor de Língua Portuguesa, mas que é, na verdade, tarefa de todo educador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor, pesquisar, elaborar, aplicar e avaliar é um conjunto de tarefas bastante grande e perigoso para se fazer a uma só mão. Pode levar a conclusões apressadas ou confusas, que podem esconder meandros não observados pelo pesquisador. Contudo, participar de todos os passos de um trabalho dá ao observador um alto grau de domínio que possibilita conexões impossíveis àqueles que trafegam em apenas um ou dois trechos do percurso.

Com o trabalho realizado nesta proposta, muitos pontos puderam ser observados e avaliados no seu todo. A começar pelas leituras de base para a fundamentação teórica, que foram bastante elucidativas em torno do tema, dirimindo dúvidas, sedimentando conhecimentos iniciais e abrindo espaço para novas e diferentes hipóteses de abordagem do tema.

A pesquisa em torno das questões referentes ao conteúdo programático escolar foi sempre vista, em princípio, como um ato de visitar um lugar comum. Entretanto, pode-se descobrir o outro lado da mesma moeda quando se tem por objetivo, não apenas compilar trechos, mas reconstruí-los e alinhavá-los a outras representações, como imagens, fotografias, e quando se pensa no uso de

estratégias diferenciadas de apresentação. Pensar no interlocutor como peça-chave também modifica o olhar sobre o conteúdo curricular.

Trazer para a sala de aula a história da cidade e as imagens cotidianas, perfazendo um encontro entre o ontem e o hoje, sincronizando o diacrônico, foi uma experiência gratificante para quem organiza e para quem aprecia e aprende com isso. Talvez esse tenha sido o movimento que mais causou desequilíbrio e estranhamento nos estudantes. A dedicação à leitura do material no todo por eles parece ter sido alavancada mais propriamente por esse arranjo. Pelo menos foi o que mais se comentou durante as aulas entre eles.

O uso dos recursos pretendidos como fontes de pesquisa para a elaboração de um material de melhor apresentação e de maior aproximação com os estudantes definitivamente cumpriu o papel esperado. A gama de informações, imagens e de possibilidades era tamanha que levou tempo demais para se decidir o que usar. Uma hipótese mais arrojada seria acrescentar som e movimento ao texto impresso numa nova abordagem para outra ocasião.

Cabe ressaltar ainda a inclusão da câmera digital e da impressora como elementos constitutivos do grupo de tecnologia de apoio à execução da proposta. As imagens geradas por esses dois equipamentos deram um toque especial ao material, contribuindo de maneira fundamental para tornar a relação entre as linguagens mais efetiva.

Por fim, e não menos importante, talvez até “mais importante” possa se dizer, foi o empenho dos estudantes e o aprendizado resultante da intervenção feita com o material diferenciado. Muitos, que tinham pouca ou nenhuma bagagem de leitura, começaram a apresentar um ligeiro, mas observável, encontro mais demorado com o texto, consumindo sua energia, que antes era direcionada apenas para barulho, brigas e palavrões, com o debruçar-se sobre “a história da minha terra”.⁴ Outros, que já tinham por hábito dedicarem-se mais à leitura, ampliaram seu contato e aderiram a sugestões de busca por outras referências na biblioteca escolar.

Não se trata de uma solução para a educação, nem de um milagre pedagógico, mas nesse pequeno contexto, que pode ser ampliado para outros, o uso do material impresso diferenciado atingiu o objetivo proposto, pelo menos em

⁴ Comentário de um aluno ao ler o texto de apresentação do material impresso.

boa parte, corroborando a hipótese de que esse tipo de produção, embora necessite de um trabalho bastante árduo, pode conduzir a resultados bastante satisfatórios, como os obtidos e relatados aqui.

REFERÊNCIAS

BARCO, Frieda Liliana Morales; FICHTNER, Marília Papaléo; RÊGO, Zíla Letícia Goulart Pereira; AGUIAR, Vera Teixeira de Aguiar. **Era uma vez... Na escola. Formando educadores para formar leitores.** Belo Horizonte: Formato, 2001, 160 p.

BORGES, Cláudia de Sousa. **Leitura e Aprendizagem.** Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/artigo_leitua.pdf. Acesso em 06/10/2012.

BRITO, G. da S.; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e novas tecnologias: um repensar.** 2. ed. ver. atual. eampl. Curitiba: Ibplex, 2008.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 8ª ed. Campinas: Papyrus, 2012

LÁUA, Maurílio do Prado. Capas de Veja: a leitura crítica em sala de aula. In: BRITO, Eliana Viana. (Org.) **Escola e mídia impressa: diferentes leituras.** Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

MORAN, J.M., MASETTO, M. e BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** 19ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MORO, Eliane L. da Silva. **A influência da internet nos hábitos de leitura do adolescente.** Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/313.pdf>. Acesso em 06/10/2012.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Dias de; FERREIRA, Maria de Fátima Dantas. **O uso das Mídias Impressas e Tecnológicas em salas de Educação Infantil como ferramenta de aprendizagem.** Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Vera-Lucia-Dias-Oliveira&Maria-de-Fatima-Ferreira.pdf>. Acesso em 06/10/2012.

PARANÁ – Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Da Educação Básica - História.** 2008

REY, Gonzalez. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios.** São Paulo: Pioneira, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **Para que a juventude leia mais.** São Paulo: Revista Nova Escola, agosto de 2007. Entrevista a Meire Cavalcante.